



A organização das mulheres na comunidade agroextrativista de Pirocaba em defesa do território

The organization of women in the agro-extractive community of Pirocaba in defense of the territory

MARTINS, Dandara¹; Araújo, Daniela².

¹ UFPA, dandaramartins18@gmail.com; ² ASAPAP, dann87araujo@gmail.com

Eixo temático: Mulheres, Feminismos e Agroecologia

Resumo: Essa pesquisa aborda a organização das mulheres na construção da agroecologia como defesa do território e bens comuns, expressos nos quintais produtivos geridos a partir na perspectiva da economia feminista. Tem como objetivo demonstrar a organização e os espaços protagonizados pelas mulheres e assim, dando visibilidade e reconhecimento para o trabalho realizado por elas. É necessário ressaltar a importância dos quintais agroecológicos para soberania e segurança alimentar e nutricional, e autonomia econômica das mulheres. O estudo foi desenvolvido em campo por meio de entrevistas com as agricultoras da comunidade agroextrativista do Pirocaba, localizada no município de Abaetetuba, Pará, Amazônia.

Palavras-chave: Feminismo. Agroecologia.

Keywords: Feminism. Agroecology.

Introdução

Historicamente, o Estado, seus governantes e o Capital visualizam a Amazônia apenas como um vazio demográfico a ser explorado e desenvolvido. É essa política de “desenvolvimento” brasileira que avança sobre os territórios e destrói seus modos de vida. Porém, é notório a participação das populações tradicionais, especialmente as mulheres na construção da agroecologia para manutenção do Bens Comuns e defesa do território.

As agricultoras da Comunidade Agroextrativista de Pirocaba apresentam nos seus modos de vida práticas que favorecem a biodiversidade ecológica, sendo ressaltadas na produção de frutas, sementes, hortaliças, ervas medicinais em seus quintais produtivos que seguem os princípios da agroecologia. Além do beneficiamento de outros produtos como geleias, farinhas, pães e biscoitos e assim, gerando um aumento na variedade alimentar e na renda.

É através das bases científicas, metodológicas e técnicas da agroecologia alinhada aos saberes tradicionais das comunidades que tem sido possível construir um novo modelo produtivo, capaz de promover sustentabilidade e a conservação dos bens comuns. Por isso, os quintais produtivos são também espaços que possibilitam as trocas de experiência e de saberes.



Para a família agricultora é no quintal que está grande parte dos alimentos para o consumo do dia-a-dia é nesse espaço que os membros da família desempenham suas atividades destacando a importante presença e participação da mulher como a principal colaboradora na composição da diversidade de plantas e espécies que compõem essa paisagem (PEDROSA, 2016, p.1).

Assim, os quintais se tornaram um instrumento que estimula as organizações, valorizando as mulheres do campo, da floresta e das águas. Isso possibilitou ampliar a visibilidade da produção através das feiras locais, municipais e outros espaços de comercialização e trocas solidárias.

Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida em campo por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com as agricultoras da comunidade agroextrativista de Pirocaba com objetivo de analisar de que maneira as mulheres vem organizando suas práticas na construção da agroecologia. Também foram feitos mapas mentais do lote onde se visualiza a organização e participação das mulheres, além do levantamento da biodiversidade de um dos quintais. Vale ressaltar que é um território tradicionalmente ocupado e está localizado no município de Abaetetuba, no Estado do Pará, Amazônia.

Resultados e Discussão

A Amazônia no período colonial vivenciou a violência contra os seus povos tradicionais e seus bens comuns, avançando intensamente sobre os seus territórios, negando a existência das comunidades e marginalizando os saberes amazônicos. Os conflitos territoriais, sociais e econômicos só aumentavam com o avanço do capitalismo e a implantação de políticas desenvolvimentistas sobre as terras tradicionalmente ocupadas.

Além de aprofundar as desigualdades sociais, o modelo de desenvolvimento baseado na expansão do crescimento e da mercantilização dos processos sociais e vitais provoca fortes danos ao meio ambiente, o que, por sua vez, leva ao recrudescimento da pobreza alimentar. O impulso desenfreado pela máxima produtividade degrada e destrói a natureza, reduzindo a biodiversidade da fauna e da flora (NOBRE; MIGUEL; MORENO et al, p.18).

É no território que as mulheres constroem estratégias de luta e resistência intimamente ligadas ao ecossistema e assim, sendo capazes de garantir o seu sustento, a sua moradia, a produção dos alimentos de uma maneira justa e sustentável. Essa forte ligação com a Natureza e seus bens comuns constrói relações harmônicas inteiramente ligadas a preservação de sua identidade enquanto povos originários.



Percebe-se a partir dessa pesquisa que as mulheres através da sua produção têm reafirmado a importância desses espaços produtivos para a defesa do território, tendo em vista que a comunidade de Pirocaba vem enfrentado o avanço de grandes projetos de infraestrutura refletido na implementação do Porto da Cargil.

Esse porto visa aumentar o escoamento de grãos produzidos pelo agronegócio para o mercado internacional, mas o que não se fala é que essa construção irá causar danos irreversíveis para a vida dessas mulheres.

No entanto, as mulheres da Comunidade Agroextrativista do Pirocaba têm fortalecido a organização comunitária constituindo diversas estratégias para a manutenção dos seus modos de vida a partir do Bem Viver expressos nas suas produções agroecológicas e assim, preservando os bens comuns para as futuras gerações.

Outro instrumento utilizado pelas mulheres são as cadernetas agroecológicas, onde anotam tudo aquilo que é vendido, doado, trocado ou consumido. Inicialmente essa ferramenta possibilitou quantificar a produção e assim, visualizar a renda gerada. Para além, possibilitou o empoderamento das mulheres acerca do seu trabalho produtivo nos quintais.

Espécies/Produtos	Classificação
Abacate, Açaí, Acerola, Ameixa, Avapão, Bacuri part, Banana, Cidra, Coco, Cupuaçu, Graviola, Ingá, Jambo, Juru, Limão, Mamão, Manga, Toranja.	Frutas
Caruru, Chicória, Ore-pro-nobis, Orelha de macaco, Falção verde, Pimenta de cheiro, Pimenta queimosa, Queibo, Vinagreira.	Hortaliças
Alfavaca, Amor crescido, Anador, Apei, Babosa, Boldo, Cana-ficha, Cipó alto, Hortelã, Hortelã pimenta, Lágrima de nossa senhora, Marcela, Mucuna caa Oléo elétrico, Oriza, Pau de angola, Puca, Urtiga cheirosa.	Ervas Medicinais

Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Através da tabela podemos identificar a biodiversidade produtiva dos quintais que seguem os princípios da agroecologia, sem a utilização de agrotóxicos, para a produção de alimentos e conservação dos bens comuns através da ciclagem de nutrientes ao utilizar materiais encontrados localmente como: resto de alimentos, folhas, galhos, e são esses insumos que orgânicos que iram garantir a eficiência e produtividade desses espaços. Além disso, é nesse espaço que as mulheres demonstram a valorização da biodiversidade produtiva, garantem a autonomia econômica e o reconhecimento do seu trabalho.



<p>A nossa associação ela trabalha hoje em dia com a transição pra Agroecologia né, que é um processo de que a gente precisa se alimentar daquilo que a gente tem né, pra gente não ficar dependendo só da cidade pra se alimentar. Primeiro que a gente sabe que tudo aquilo que a gente compra, que a gente não produz a gente não sabe de onde vem, né? Então a primeira iniciativa da nossa associação foi fazer com que as pessoas tivessem a consciência de que o alimento melhor é aquele que produz na comunidade né? Então, a gente começou toda uma conscientização do resgate das pessoas pelo aquilo que tem, comer aquilo que tem né e procurar mercado pra isso. Foi um trabalho de muita conscientização, de formação das pessoas, para as pessoas voltarem a plantar porque a gente começou a mostrar pra eles, porque eles viam as coisas no supermercado, mas, pensavam que tudo era maravilhoso, né? [...], mas eles não dizem que tão cheio de veneno, é cheio de agrotóxicos então a gente começou a mostrar para as pessoas da comunidade vídeos sobre isso, as consequências dos agrotóxicos no organismo das pessoas, né, no leite materno, as crianças nascem com problemas. A questão da produção dos nosso próprios alimentos né, essa questão da autonomia mas primeiramente da produção porque como é que a gente vai provar para as pessoas que a gente tem que ficar aqui, que é justamente com essa produção de açaí de colher frutas né, essa relação e acho que isso a gente vê muito das mulheres né também. [...] já participei de vários cursos de formação que falava sobre isso de "sem feminismo não há agroecologia", quem faz agroecologia são as mulheres que eu disse ainda agora pra ti, quanto mais a gente produzir, produzir, produzir mas a gente consegue mostrar por que essa terra é tão importante pra gente e a gente entende que a gente não tem que mostrar isso só pra Cargill, a gente tem que mostrar isso também pro governo do Estado, também pro prefeito de Abaetetuba.</p>	<p>[...] Hoje eu faço parte da feira do agricultor familiar de Abaetetuba, todo final de semana eu tô lá, né, levo produtos que não são meus e que são meus, mas também levo produtos de outras pessoas, levo artesanato das pessoas que tecem a peneira, né? Que tecem o tipiti né? Que levam as meninas que fazem o doce, né? Tudo isso a gente tem. A feira de Abaetetuba é um espaço que as ASAPAP têm e que é de todos. Eu vou lá todo final de semana, mas que cada um tem, aquilo que tem de produto trás ou então leva pra mim, a gente vende, repassa o dinheiro para aquelas pessoas. Então, as pessoas começaram a valorizar mais aquilo que tinha no seu quintal, o que tava se perdendo na comunidade, que a gente via. As pessoas estavam parando de criar, né, aquilo que se alimentam né. A gente começou "é muito melhor comer ovo de galinha caipira do que vocês comprarem no supermercado, daqueles frangos que já tá lá a dois meses no supermercado pra vocês comprarem né? [...] a gente tem uma feira em Belém também que é agroecológica que todo mês vai daqui pra lá, leva os produtos que a gente produz daquilo que a gente tem na comunidade. É uma forma de ganhar dinheiro. Antes as pessoas estragavam cupuaçu, manga e, quando a gente começou a ter essa organização, a mobilizar, a conscientizar as pessoas, até hoje a gente vê mulheres que têm uma renda e isso foi muito importante pra nós né, a gente saber que conseguiu, né, fazer com que não só a gente, não só eu pudesse de alguma maneira hoje ter minha autonomia, né, não só de falar, mas de sair, né, mas fazer com que outras mulheres fizessem isso. E hoje a gente vê né, grupo de mulheres que não são apenas na associação mas, que de alguma maneira montaram um grupinho aqui, tão trabalhando com alguma coisa né, aquelas que tão no seu quintal plantando, criando. Então isso é gratificante, né.</p>	<p>Hoje a gente já conseguiu avançar muito, eu acho assim, que uma das melhores coisas foi essa questão da segurança alimentar dentro da comunidade e hoje a gente tenta passar para as outras, pras outras comunidades também. [...] Hoje a gente tem muita galinha caipira na comunidade, a gente tem muita gente que planta, muita gente que colhe fruta, né, da comunidade né? [...] uma conscientização que as pessoas pegam para si, tomaram consciência de que elas estavam fazendo errado e elas começaram a fazer o certo. Então hoje a gente tem áreas na comunidade, já teve gente que colheu pepino, alface, tem gente que já colheu couve, assim sem usar, sem o uso de agrotóxicos[...] A maioria das pessoas que criam hoje entro da comunidade são as mulheres porque eles dizem que as mulheres que tem tempo né? Porque o homem acha que ele tem que sair da casa e trabalhar lá fora e quem tem que cuidar aqui são as mulheres, se tem uma hortinha lá perto da casa quem cuida é a mulher, então ela tem, foi ela então que teve essa iniciativa. [...] o homem pensa muito nessa questão da monocultura, de plantar só um tipo de coisa, por acaso só a mandioca, pronto, acabou o papo. [...] com as mulheres não, cada coisinha que elas vejam que ia brotar né, então ela coloca na terra, aí elas começaram a plantar o maxixe no meio da roça, o jerimum no meio da roça, tudo que elas achavam que dava pra colher elas iam plantando, né? Então a participação delas com certeza foi importantíssimo nessa questão e até hoje.</p>
--	--	---

Fonte: pesquisa de campo, 2019.

Apesar das dificuldades enfrentadas pelas mulheres devido as relações de poder existentes entre homens e mulheres expressas no machismo e até mesmo na ausência de políticas públicas específicas para elas. Como resultado identificamos esse processo de fortalecimento das mulheres evidenciados na auto-organização e mobilização, primeiramente os quintais agroecológicos, possibilitando o reconhecimento do trabalho produtivo gerando autonomia econômica, garantindo a segurança alimentar e a construção de mercados alternativos como as feiras agroecológicas.

Conclusões

Os quintais produtivos têm contribuído para a autonomia econômica e fortalecimento das mulheres, além de ser um instrumento para a defesa do território. É através dessa produção que as mulheres vêm construindo espaços de troca de saberes e experiências entre si e com outras comunidades, e possibilitando a construção de mercados alternativos, fora da lógica de exploração capitalista.

Referências bibliográficas

FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam (Orgs.). **Economia Feminista**. São Paulo: SOF, 2002.

XI CBA
Congresso
Brasileiro de
Agroecologia
Ecologia de Saberes:
Ciência, Cultura e Arte na
Democratização dos
Sistemas Agroalimentares



PEDROSA, Rosangela. **A importância dos quintais produtivos na economia familiar.** Mato Grosso do Sul, 2016.